

A LINGUAGEM EMOCIONAL: TECENDO A RAZÃO E A EMOÇÃO NOS CURSOS DE FORMAÇÃO EM AMBIENTES TELEMÁTICOS

GT 16 – Educação e Comunicação
Adriana Rocha Bruno – USF

Estamos vivendo um momento histórico em que o ser humano descobre outras formas de interação. Essas interações têm-se manifestado também pelo uso das novas tecnologias, em especial o uso do computador e das redes de comunicação a distância (Internet e outros).

Esse veículo de comunicação a distância (Internet), que hoje faz parte da vida de milhões de indivíduos em todo o planeta, aparece como co-responsável pela disseminação de informações, pela possibilidade de construção e reconstrução do conhecimento e, fundamentalmente, pela comunicação entre os seres de quase todos os lugares do planeta, com os mais diversos fins.

O fio condutor dessa comunicação, ou seja, o que torna possível toda a expressão manifesta nessa rede de informações, está centrado no uso da linguagem como meio de interação.

A linguagem tem sido explorada nas mais diversas formas possíveis nesses ambientes: visuais, orais e escritas. Pessoas estão se encontrando e se reencontrando, fazendo uso desse veículo. São *chats* (bate-papos), correios eletrônicos, fóruns de discussão, enfim, ambientes devidamente concebidos para que os indivíduos se expressem, se comuniquem, num processo de interação recursiva.

Na educação, tal veículo passa a fazer parte dos ambientes de aprendizagem. Falamos agora de educação a distância em ambientes telemáticos.

Estamos usando a terminologia “ambientes telemáticos” para fazer a distinção entre as diversas modalidades de cursos a distância e aqueles mediatizados pelo uso computador, da Internet e pelo educador.

Sabemos que diversos cursos em ambientes telemáticos têm a proposta de oferecer a seus participantes apenas materiais, disponibilizados no ambiente, sem provocar ou proporcionar qualquer possibilidade de interação entre os sujeitos envolvidos. São cursos que se utilizam da Internet para depositar materiais apenas, ou ainda para reproduzir aulas como no sistema tradicional de ensino presencial.

VALENTE¹ propõe uma abordagem denominada “*estar junto virtual*”, que “*envolve múltiplas interações no sentido de acompanhar e assessorar constantemente o aprendiz para poder entender o que ele faz e, assim, propor desafios que o auxiliem a atribuir significado ao que está desenvolvendo. Estas interações criam meios para o aprendiz aplicar, transformar e buscar outras informações e, assim, construir novos conhecimentos.*”

O olhar aqui proposto refere-se a esse tipo curso em ambientes telemáticos, que promova a interação, onde a dialogicidade seja uma das principais fontes de construção, aproximando os seres relacionais, e portanto do tipo “*estar junto virtual*”.

A educação nos ambientes telemáticos deve se pautar na relação interativa entre os sujeitos envolvidos (professores e alunos) para a construção do conhecimento, considerando os indivíduos em sua totalidade, e como seres relacionais em constante transformação.

O processo de “*trans*” formação do professor está relacionado à mudanças posturais.

FREIRE (1987), ao nos apontar a questão da não neutralidade da prática educativa, exigindo definição, decisão, ruptura e posição por parte do professor, infere-nos a necessidade de mudanças posturais desse educador, que possivelmente só se transformará a partir do desenvolvimento do pensamento crítico reflexivo desse profissional, articulando os aspectos emocionais com os racionais - como estamos

¹ Texto “Criando ambientes de aprendizagem via rede telemática: Experiências na formação de professores para o uso da informática na educação”, de José Armando Valente, [2001], disponibilizado pelo Web site:
< http://www.uvb.br/br/atualidades/artigos/jose_valente/valente_introducao.htm>

propondo em nossos estudos.

Devemos entender que mudança de postura não envolve apenas o campo profissional, mas o ser por inteiro. Não mudamos nossa postura apenas no trabalho; a mudança envolve discussão mais complexa, por exemplo: nenhum educador consegue desenvolver projetos dentro de uma linha sócio-construtivista se não estiver consumido por inteiro, e principalmente em sua vida pessoal, pelos preceitos nela contidos.

A proposta da formação de professores por meio da informática educacional, via ambientes telemáticos, tem auxiliado o processo de transformação da prática de muitos educadores.

O repensar contínuo e coletivo frente à necessidade de mudanças no paradigma atual, provoca reflexões relevantes acerca de aspectos, como: a abertura ao novo e a tudo que ele proporciona; a percepção dos aprendizes enquanto sujeitos ativos em interação com o meio; a superação da intransponibilidade cultural, temporal, espacial, por meio da aproximação e interação com o outro; o tempo cognitivo, onde o *chrónos* e o *kairós* precisam ser vistos/compreendidos por outros olhares, ante a virtualidade; enfim, questões inumeráveis que se descortinam diante de nossos olhos e revelam a impossibilidade de continuarmos enxergando o mundo de hoje pelas lentes do antigo paradigma.

Essa proposta, porém, não é um fator isolado na formação do professor, e nem tem a pretensão de transformar sozinha a educação ou o professor. Mas é interessante notar que o uso dessas tecnologias nos ambientes de aprendizagem tem viabilizado a concretização de situações de igualdade e/ou aproximação cognitiva entre os sujeitos construtores do conhecimento - professor e aluno - que muitas vezes apresentavam-se distantes na prática.

Um dos caminhos para esse cultivo está na formação continuada dos professores, mas as condições para isso envolvem fatores diversos, e dentre eles estão as ferramentas utilizadas para que esse educador se

transforme - e esse artigo propõe um olhar para a linguagem emocional.

A Linguagem Emocional

Somos seres autopoieticos², ou seja, somos organismos complexos e possuímos mecanismos de auto-organização sistêmico-recursiva onde, por meio das relações interativas com o meio e com as circunstâncias que nos envolvem, modificamos nossas estruturas e, assim, nos transformamos, preservamos a nossa organização e a nossa identidade e mantemos a vida.

Como seres autopoieticos, vivemos em contínua inter-relação com outros seres também auto-poiéticos; e é pela dinâmica relacional, pelas conversações viabilizadas pela linguagem, que fluem das emoções que emergem desse processo de “con-viver”, que nos reestruturamos, nos transformamos.

O estudo das emoções foi, por muito tempo, desprezado pela Ciência. Alguns estudiosos se dedicaram ao tema somente no final do século XIX e início do XX, mas nunca houve dedicação suficiente para que os estudos se aprofundassem ou continuassem.

A partir da década de 60, os estudos dedicados à emoção e sentimentos são retomados e passam a ter um maior aprofundamento depois da década de 80.

Desse modo, temos hoje um quadro bastante diversificado quanto ao estudo das emoções. A Neurociência, Neuroanatomia, a Biologia, a Psicologia: clínica, social, discursiva, e a Ciência Cognitiva, entre outras áreas, têm dedicado seus estudos à emoção.

Segundo DAMÁSIO (2000:74/75), emoções “...são conjuntos

² “Autopoiese é uma palavra composta das palavras gregas ‘para si mesmo’ e ‘produzir’” (MATURANA, 1997:133). MATURANA e VARELA desenvolveram conceitos sobre sistemas autopoieticos e organizações autopoieticas. Para maiores detalhes ver as obras desses dois autores.

complexos de reações químicas e neurais, formando um padrão; todas as emoções têm algum papel regulador a desempenhar (...) estão ligadas à vida de um organismo (...) e seu papel é auxiliar o organismo a conservar a vida."

É importante ressaltarmos a ênfase apresentada por muitos estudiosos no que se refere às emoções como foco de conservação da vida, aspecto do organismo que deve funcionar harmoniosamente para auxiliar a sobrevivência do ser humano.

Tanto o aspecto de conservação da vida é ressaltado e de fundamental importância, que muitos estudiosos apontam a inter-relação da emoção com a homeostasia; esta última entendida como *"reações fisiológicas coordenadas e em grande medida automáticas que são necessárias para manter estáveis os estados internos de um organismo vivo."* (DAMÁSIO, 2000:61)

A homeostasia tem função reguladora no organismo, tendendo a estabilizá-lo internamente.

Para MATURANA (2001:129) as emoções são *"disposições corporais dinâmicas que especificam os domínios de ações nos quais os animais, em geral, e nós seres humanos em particular, operamos num instante."*

Essa dinâmica do emocional funciona como base para toda e qualquer ação humana, enfatizando aqui a linguagem e a razão que, independente do espaço operacional, se faz num espaço especificado por uma emoção.

Assim, podemos conceituar a emoção por: reações (respostas) do organismo diante de fatores decorrentes de mudanças internas ou externas, conscientes ou inconscientes apresentadas, considerando as múltiplas circunstâncias, como: fisiológicas, relacionais, pessoais, cognitivas, afetivas, sociais etc, em congruência com os aspectos ontogênicos e filogênicos da existência humana, que se caracterizam principalmente pela conservação da vida.

A emoção e os estados emocionais estão presentes na vida e no organismo de todos os seres humanos. Sua diferenciação e classificação

se faz possível, basicamente, por meio da consciência que, através da linguagem, torna possível a compreensão, a decodificação e a nomeação das emoções produzidas e vividas pelo ser. Porém, a expressão consciente das emoções se apresenta em articulação com a cultura e a história do ser humano. Temos, assim, culturas que se expressam diferentemente de outras, por valorizarem a expressão de algumas emoções e de outras não. A partir disso, podemos entender que a *expressão* de uma emoção pode ser aprendida, mas não a *emoção em si*.

DAMÁSIO (2000:75) afirma que a expressão das emoções está ligada ao aprendizado e à cultura, mas chama-nos a atenção ao fato de que as emoções “...são processos determinados biologicamente, e dependem de mecanismos cerebrais estabelecidos de modo inato, assentados em uma longa história evolutiva”.

Encontramos em BISQUERRA (2000) aditivos a esse respeito, pontuando a função das emoções como motivadora, adaptativa, informativa e social; ressaltando que a cultura e a sociedade regulam as expressões das emoções.

Para esse autor, algumas atitudes ou episódios emocionais vivenciados repetidas vezes podem desenvolver “atitudes cognitivas emocionais”, ou seja, situações consecutivas de tristeza em demasia podem desencadear um processo de depressão.

GOLEMAN (1995:278) pontua a possibilidade de “ensinar emoções”, e apresenta o que ele chama de “alfabetização emocional”, onde “em vez de usar o afeto para educar, ensina o próprio afeto”.

Os estudos desenvolvidos sobre a emoção levam-me a questionar a afirmação de GOLEMAN. Entendo que não aprendemos a ter emoções, sentimentos e afetos, mas sim a expressá-los, como já disse, e portanto o que podemos “ensinar” e também controlar é a *expressão* e o *reconhecimento* das emoções.

Como ensinar, por exemplo, a emoção alegria? Podemos sim, provocar situações em que essa emoção se manifeste e, a partir daí, reconhecê-la, nomeá-la e valorizá-la - mas a emoção em si já existe no indivíduo.

Acredito que o trabalho desenvolvido nos ambientes de aprendizagem, poderá auxiliar na identificação, valoração e expressão das emoções. Porém, as emoções em si, como disposições biológicas, ocorrerão/fluirão no organismo.

Desse modo, podemos entender que há possibilidade de aprendermos a valorizar determinadas emoções em decorrência das situações e circunstâncias experienciadas. Tais vivências levam-nos a desejar repetir ou não, a manifestação de emoções específicas.

MATURANA (1998:15) chama-nos a atenção para o fato de que *“ao nos declararmos seres racionais vivemos uma cultura que desvaloriza as emoções, e não vemos o entrelaçamento cotidiano entre razão e emoção, que constitui o nosso viver humano, e não nos damos conta de que todo sistema racional tem um fundamento emocional.”*

O ser racional é também um ser emocional e vale lembrar que as relações estabelecidas entre os seres humanos se faz no imbricamento entre razão e emoção, mediadas pela linguagem.

A linguagem se faz a partir de interações recorrentes entre o ser humano e o mundo. Essas interações estão consubstanciadas e impregnadas da história de cada elemento em interação. Desse modo, a linguagem se faz entre sujeitos, em conversação, considerando-se o aspecto ontogênico dos seres, permeados pela emoção.

Os diversos conceitos de linguagem apontam-nos a relação extremamente imbricada entre a expressão e a comunicação, onde *“a expressão manifesta o eu, a comunicação é procura do tu, tendendo o eu e o tu a unir-se na unidade do nós.”* (GUSDORF, 1970:53)

Se nos utilizamos da linguagem (corporal, oral e escrita) para nos comunicarmos e nos expressarmos no mundo, e do mesmo modo,

lemos, sentimos, enxergamos e percebemos o mundo por meio da linguagem, esse processo consciente está impregnado de emoção - sendo esta emoção, em diversas circunstâncias, a indutora de ações e reações expressas pela linguagem.

O ser humano, em sua necessidade de interação com o meio que o envolve e o habita, se utiliza da linguagem, em suas diversas manifestações, para expressar-se e desenvolver-se.

“Para o surgimento da linguagem, então, precisa-se de uma história de encontros recorrentes entre organismos que possibilite a coordenação conjunta de ações do conviver cotidiano deles.” (GONZÁLES, 1993:30)

Assim, podemos inferir a respeito da ligação entre razão, emoção e linguagem, onde razão e emoção se utilizam da linguagem como veículo de expressão e de comunicação entre eu, o mundo e o outro; lembrando que esse outro pode se apresentar no diálogo consigo mesmo (interno), ou seja, com o outro eu, e todo esse processo está promovendo manifestações emocionais.

Todos nós fazemos uso de diversas linguagens em nossa relação com o mundo, mas muitas vezes não estamos atentos o suficiente acerca do nosso linguajar com o outro. Não refletimos sobre a linguagem utilizada nos ambientes de aprendizagem.

Temos presenciado, como educadores nos ambientes de aprendizagem, situações que refletem a dificuldade na inter-relação educador/educando. Ouvimos constantemente as manifestações de insatisfação, tanto por parte de educandos quanto de educadores, no que se referem ao desentendimento entre o que um e/ou outro expressam no seu linguajar nesse processo relacional.

Esse aspecto é de suma importância para a reflexão do que entendemos por linguagem emocional.

Segundo **TENENBAUM³ (A Linguagem Corporal), a**

³ Nem todas as referências telemáticas estão disponibilizadas no ambiente (Internet) com data e página.

Linguagem Emocional pôde ser cientificamente estudada a partir de Freud, por volta de 1901, com o livro: “A Interpretação dos Sonhos”, onde houve a percepção de que nossa mente possui duas linguagens: racional e emocional.

TENENBAUM nos explica que na psicanálise a Linguagem Racional é chamada de “processo secundário do pensar” e *“representa o estímulo apreendido pelos órgãos sensoriais, organizando a percepção do mundo circundante para definir a melhor orientação adaptativa em comum acordo com as representações do ‘processo primário de pensar’.* É um processo consciente ou pré-consciente”.

Já a **Linguagem Emocional, ou “processo primário do pensar” como foi chamada por Freud, é** *“a primeira a se desenvolver no ser humano (...) a linguagem emocional se expressa utilizando-se das representações de cenas com os objetos que foram relacionados pela pessoa ao estímulo. Essas cenas mentais são sempre inconscientes e receberam o nome de ‘fantasias’.* Assim, toda a vez que somos estimulados (fome, sede, medo, excitação sexual, etc) por eventos biológicos (internos) ou sociais (externos) nossa mente engendra uma fantasia. O processo primário possui várias camadas. A mais superficial é a erótica, através da qual os vínculos se realizam. As demais são camadas narcísicas, isto é, relacionadas com a constituição da identidade pessoal. A experiência afetiva se expressa através destas camadas.”

É interessante percebermos a diferenciação, ou separação, que TENENBAUM faz entre Linguagem Racional e Emocional.

Este texto está concebendo a Linguagem como expressão e comunicação, e portanto, consciente e racional.

Desse modo, compreende-se a Linguagem Emocional por meio do imbricamento, entrelaçamento, entre emoção e razão.

Entendemos que o “processo primário do pensar”, proposto por Freud, está relacionado à emoção, enquanto o “processo secundário do pensar”, associa-se à razão. Porém não pretendemos cindir a Linguagem em racional e emocional, tal como TENENBAUM, mas sim

estabelecer a articulação, a tecitura entre esses aspectos.

A postura/proposta aqui explicitada, no entanto, percebe a singularidade de cada um dos aspectos estudados, mas acredita na impossibilidade de ruptura ou fragmentação entre ambos.

MATURANA (1997:170) explicita que: *“...a existência humana se realiza na linguagem e no racional partindo do emocional.”*

Se o simples domínio e articulação de palavras e/ou da linguagem, sustentadas na racionalidade, fosse suficiente para nos fazermos entender, nos aproximar dos outros e ainda interagir com o mundo, poderíamos dizer que esses problemas não mais existiriam atualmente, uma vez que o uso de técnicas de apropriação e domínio da linguagem seriam facilmente manipuladas.

Porém, MATURANA deixa claro, na afirmação acima, que a linguagem e o racional partem do emocional, e portanto envolvem outros aspectos que o simples “domínio de técnicas” para o “con-viver” pelo “con-versar” humanos.

Articular, entrelaçar, imbricar: linguagem, razão e emoção passam a ser, desse ponto de vista, o grande desafio; e propõe-se que essa tecitura se dê pelo que chamamos de Linguagem Emocional.

A Linguagem Emocional é compreendida como um meio, uma forma, um dispositivo, um sistema intencional de expressar e comunicar emoções, mediado/permeado/viabilizado pela linguagem (conversação), para a relação de encontro, de contato, entre os sujeitos aprendentes em processo contínuo de transformação. Assim, a Linguagem Emocional reflete sistematicamente as múltiplas formas em que os seres humanos estabelecem relações, utilizando-se das diversas linguagens, considerando o fator emocional como importante desencadeador das transformações decorrentes deste processo.

Os seres autopoieticos se inter-relacionam em espaços operacionais. Os ambientes de aprendizagem são espaços operacionais onde os sujeitos aprendentes, por meio de dinâmicas relacionais

compostas por processos de ação e reflexão, se “des-estruturam” e se “re-estruturam” recursivamente (no sentido espiralado).

As transformações propostas nos ambientes de aprendizagem geram mudanças nesse espaço operacional. Podemos então considerar que quando mudamos as emoções, ou quando induzimos determinadas emoções, transformamos o ambiente ou espaço operacional, e conseqüentemente interferimos e transformamos o processo reflexivo e as ações entre os sujeitos autopoieticos. As transformações estruturais que ocorrem podem desencadear outras reflexões e ações, transformando, assim, as relações estruturais dos seres envolvidos.

Não estamos falando dos tipos de emoções. Estamos refletindo sobre as mudanças significativas que a emoção pode provocar em ambientes de aprendizagem, quando expressa por uma linguagem consciente, estimulada pelos agentes mediadores desse processo.

O processo de indução de emoções pode ser desencadeado pelo uso atento e adequado de diferentes linguagens e, desse modo, não aprendemos a ter/sentir emoções, mas sim a expressá-las. Somos seres emocionais por natureza. Na educação, educadores e educandos expressam, no seu con-viver, suas emoções, espontaneamente, na maioria das situações vivenciadas nos ambientes de aprendizagem.

Encontramos em WALLON (apud: ALMEIDA, 1999), nos estudos acerca da emoção e afetividade, uma característica importante das emoções, que esse autor denomina de contágio das emoções:

“Entre as atitudes emocionais dos sujeitos que se encontram no mesmo campo de percepção e de ação, institui-se muito primitivamente uma espécie de consonância, de acordo ou de oposição. O contato estabelece-se pelo mimetismo ou contraste afetivos. É assim que se instaura uma primeira forma concreta e pragmática de compreensão, ou melhor, de participacionismo mútuo. O contágio das emoções é um fato comprovado variadíssimas vezes. Depende do seu poder expressivo, no qual se basearam as primeiras cooperações de tipo gregário, e que

incessantes permutas e, sem dúvida, ritos coletivos transformaram meios naturais em mímica mais ou menos convencional.” (apud: ALMEIDA, 1999:39)

WALLON fala-nos do contágio das emoções pelo mimetismo, entre sujeitos no mesmo campo de percepção e ação. A partir disso podemos inferir sobre a indução de emoções, nos diversos ambientes e situações, entre os seres relacionais, inclusive nos ambientes telemáticos.

Entendemos que a característica da emoção explicitada por WALLON como contágio emocional, em congruência aos aspectos explicitados por DAMÁSIO e MATURANA, apresenta subsídios relevantes ao uso da linguagem emocional na educação, especialmente no que se refere à forma de despertar/provocar reações/emoções no outro.

Assim, entendemos que pelo mimetismo emocional as reações de um sujeito da aprendizagem provocam no interlocutor outras reações (respostas) convergentes (na mesma direção), ao passo que, pelo contraste emocional, a resposta se dará por reações defensivas dos sujeitos relacionais.

Desse modo, a compreensão do conceito de contágio emocional articulado às circunstâncias, ao ambiente, à mediação, à interação e à reflexão são fatores essenciais para o que compreendemos por linguagem emocional, para o educador em suas relações nos espaços operacionais de aprendizagem.

Muito temos refletido e estudado sobre a formação de professores. Os mais diversos autores desenvolvem seus estudos, pesquisas e propostas acerca desse tema, que todos concordamos ser de fundamental importância para o processo de transformação e de desenvolvimento humano.

FREIRE (1996), ao nos apontar a questão da não neutralidade da prática educativa, exigindo definição, decisão, ruptura e posição por parte do professor infere-nos a necessidade de mudanças posturais

desse educador e que possivelmente só se transformará a partir do desenvolvimento do pensamento crítico reflexivo desse profissional, no processo de conscientização.

Assim, podemos inferir que a emoção pode estar associada, e ser um diferencial, a fatores que envolvem o processo de conscientização, numa visão freireana, ou seja, conscientizar para a ação deve considerar os aspectos afetivos/emocionais que envolvem os sujeitos, como propulsores desse processo. Poderíamos pensar e propor a “afetivação” para conscientização.

Estamos propondo com o termo *afetivação* o reconhecimento, a identificação e a apropriação das emoções, enquanto manifestações afetivas, como estimuladoras de ações conscientes, racionais, que permeiem e conduzam ao processo de conscientização, uma vez que esse movimento não se dá apenas na esfera racional/cognitiva.

No processo de afetivação, pretende-se que os sujeitos em interação repensem seu estado de introspecção e caminhem para o movimento de extrospecção coletiva, “contagiando” a todos socialmente.

Compreende-se portanto a impossibilidade de cisão entre razão e emoção, e também entendemos que as transformações, individuais e coletivas, se fazem no imbricamento desses aspectos.

Temos, assim, a preocupação constante com a formação de um professor reflexivo, crítico, criativo, consciente, inter-ativo, cooperativo etc., mas pouco se fala dos outros aspectos que envolvem o desenvolvimento humano: os aspectos afetivo-emocionais.

O fator emocional fundamenta e sustenta o aspecto racional. Não há como dissociá-los. Não há racionalidade no ser-humano sem a emoção. A emoção pode inclusive interferir na razão - e a linguagem e a razão se fazem imbricadas e interdependentes da emoção.

Porém, o aspecto emocional na formação dos educadores não teve e não tem tido a devida valorização e atenção.

Constantemente estudamos e refletimos insistentemente na necessidade de transformação dos professores, mas como nos diz Nóvoa (1992:25) “... a formação não se constrói por acumulação (de cursos, de conhecimentos ou de técnicas), mas sim através de um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas e de (re)construção permanente de uma identidade pessoal. Por isso é tão importante ‘investir na pessoa’ e dar um estatuto ao ‘saber da experiência’.”

Talvez o inovar, no caso do processo de formação de educadores, neste momento, deva visar o que ESPÍRITO SANTO (1996) chama de "transgressão da barreira emocional", ao se referir ao trabalho desenvolvido com alunos, conscientizando-os da existência do "corpo emocional". Desse modo, o mesmo deve ser trabalhado com os educadores, mas com a possibilidade de não apenas conscientizá-los da existência desse corpo emocional, mas do ato reflexivo e da vivência de suas emoções (expressas na linguagem), para então desenvolver sua prática permeada por uma linguagem emocional congruente.

Ao mesmo tempo, estamos vivendo e pensando a formação de professores no mundo atual e, portanto, devemos refletir esse processo na era tecnológica, que tem trazido mudanças profundas nas formas de relações humanas emergentes.

BYINGTON (1996:68/69) assinala que “...a posição corporal e a atitude dos alunos são expressivas e nos auxiliam a identificar o que ocorre em sua psique (...) por isso dizemos que o corpo, como tudo mais, é simbólico e requer o conhecimento e a atenção do professor.”

Nos ambientes telemáticos, a observação corporal ainda é restrita/limitada. Por nos utilizarmos, em grande parte dos casos, da comunicação por meio da linguagem escrita, os aspectos corporais observáveis, que envolvem olhar, expressão oral, gestual, tátil, tornam-se inviáveis. Portanto, há necessidade de que os professores nesses ambientes dediquem especial atenção às comunicações escritas dos alunos, expressas pela Linguagem Emocional no processo de interação.

Compreende-se, então, que a mediação pedagógica desenvolvida nos ambientes telemáticos, por se fazer também pela linguagem escrita, precisa voltar seu olhar, profundamente, para a linguagem emocional utilizada pelo mediador, uma vez que é ela que permeia as relações estabelecidas no ambiente de aprendizagem.

Muito se tem discutido sobre cursos a distância. Ambientes informáticos são criados na ânsia de buscar outras formas de viabilização desses cursos.

Novamente surgem questionamentos acerca da linguagem utilizada nesses cursos. Não estamos tratando de Linguagens de programação, mas sim da linguagem utilizada para a comunicação/conversaçoão entre os indivíduos. O linguajar que possibilita essa interação entre os seres envolvidos se dá, em sua maioria, pela escrita. Muitos associam esse momento como “a volta da comunicação por cartas”, porém de uma forma muito mais rápida e eficiente.

Constantemente nos deparamos com comentários a respeito da “frieza” na comunicação via Internet. Pessoas expressam receio de que esse veículo propicie o isolamento dos indivíduos, a desvalorização do contato presencial, físico.

Sabemos que a interação via computador, mais especificamente a Internet, não deve ser comparada à interação presencial. São diferentes sim; e não queremos aqui qualificá-las, pois entendemos que não é esse o objetivo desse estudo. Porém devemos fazer algumas reflexões à luz de aspectos significativos:

- precisamos aprender a trabalhar com o “e” e não apenas com o “ou”; ou seja, não precisamos optar, por exemplo entre o presencial “ou” o virtual. Sabemos que a educação presencial é indiscutível, pois apresenta condições, nos mais diversos aspectos, para que o fazer pedagógico se constitua pelas relações entre os sujeitos, mas devemos considerar nos dias

atuais a possibilidade de desenvolver trabalhos que se utilizam também do virtual, que hoje nos possibilita “viajar” pelo planeta, conhecer pessoas, culturas etc. Não há substituição de um pelo outro, mesmo porque acreditamos na necessidade de encontros presenciais pontuais, mediando os cursos a distância;

- podemos estabelecer uma relação afetiva, emocional, mesmo a distância. Devemos considerar o uso da linguagem emocional para que essa dinâmica relacional possa de fato abrir espaços de transformações entre os sujeitos envolvidos;
- sendo o professor o mediador desse processo, há necessidade de uma mediação pedagógica permeada por uma linguagem emocional congruente, para que o fluir das conversações interativas seja consubstanciado de emoções expressas conscientemente, podendo assim abrir canais para a efetivação dos processos reflexivos e críticos, transformando os espaços operacionais e os sujeitos da aprendizagem.

Vários usuários da Internet se utilizam de símbolos, que já se tornaram universais, na tentativa de “quebrar o gelo” que esse tipo de interação pode proporcionar. Assim, com o uso de símbolos, os indivíduos procuram “expressar” suas emoções em suas incursões pelas salas de bate-papo, por exemplo. Podem expressar tristeza, alegria, vergonha, raiva etc. Tais símbolos recebem o nome de *emoticons*⁴.

Mais uma vez, estamos diante da necessidade humana de utilizar uma linguagem que permita a expressão de emoções.

O uso dos símbolos acima citados, apesar de representarem uma linguagem que comunica alguns sentimentos e emoções, não está caracterizando a linguagem emocional aqui apresentada, uma vez que a compreensão da mesma envolve o contexto, a relação entre os sujeitos

⁴ Para mais detalhes ver Revista Educação. Ano 27 – nº 240 – Ed. Segmento, abril/2001, p. 40-51

em interação.

Não há modelos, receitas ou signos na linguagem emocional. Há, sim, uma proposta de construção de ambientes de aprendizagem em que se considere e vivencie as emoções, expressas no linguajar das conversações, como mediadoras do processo de construção do conhecimento, facilitando a dinâmica relacional entre os seres, o meio e suas circunstâncias.

MATURANA e BISQUERRA chamam a atenção para o cuidado com a educação emocional dos indivíduos, frente às novas tecnologias:

“Educar emocionalmente as novas gerações para afrontar com êxito os novos caminhos que conduzem ao futuro”
(BISQUERRA, 2000:24).

“Este viver tecnológico...não deve ocultar a ampliação e compreensão da fisiologia das emoções...” (MATURANA e BLOCH, 1996:239).

A Linguagem Emocional vem compor, articuladamente com a Educação, uma reflexão sobre a possibilidade de desenvolvermos intencionalmente um novo olhar para os aspectos emocionais presentes nas interações que emergem nos ambientes de aprendizagem, onde a razão caminha “de mãos dadas” com a emoção, mediada pela linguagem. Não podemos mais permitir essa dissociação, essa fragmentação.

Compreendemos que, nos ambientes de aprendizagem, a linguagem emocional está presente nas conversações estabelecidas por todos os sujeitos em interação. No entanto, quero chamar a atenção ao aspecto da intencionalidade no uso da Linguagem Emocional pelo mediador pedagógico, que pode representar um diferencial significativo para o processo de construção do conhecimento.

Especialmente nos ambientes telemáticos, onde a expressão/comunicação ocorre pela linguagem escrita, o cuidado com o uso de uma Linguagem Emocional intencional, que possa induzir e/ou

desenvolver emoções que converjam em aproximação, reciprocidade e interação, deve ser melhor considerado.

Nos cursos a distância em ambientes telemáticos, o uso intencional de uma linguagem emocional merece cuidado e atenção. Os cursos em ambientes telemáticos devem considerar a abordagem do “estar junto virtual”, que pressupõe a criação de um ambiente de aprendizagem interativo, onde a construção do conhecimento seja um ato contínuo e um compromisso assumido por todos os sujeitos aprendentes.

A partir dessa concepção, o cuidado e atenção com a Linguagem Emocional dos mediadores pedagógicos deve ser um ponto importante a ser observado e desenvolvido. O uso intencional de uma Linguagem Emocional - que possa provocar, instigar, “induzir”, contagiar todos os participantes a movimentos de aproximação recursiva, na busca contínua de “quebrar corações” que bloqueiam muitas vezes a exposição de emoções - se faz necessário e pode auxiliar no processo de construção do conhecimento.

Os ambientes telemáticos permitem o “disfarce” de emoções e sentimentos, uma vez que o uso da linguagem escrita possibilita-nos “filtrar”, camuflar, o que queremos ou não expressar.

Desse modo, a linguagem emocional utilizada pelo mediador pedagógico pode abrir espaço para que emoções e sentimentos sejam desvelados, criando então um espaço operacional mais coeso, mais harmônico e propício às inter-relações emergentes, e conseqüentemente, possibilitando construções e reflexões mais complexas.

Somos seres racionais e emocionais. A aceitação e compreensão desse fato só trará benefícios a todos nós. Trabalhar a formação de educadores partindo desse novo olhar é respeitá-lo por inteiro, é percebê-lo como sujeito - também aprendente - que precisa, assim como seus alunos, experienciar, vivenciar e expressar suas emoções. É buscar

a coerência entre a teoria e a prática no saber fazer, saber conhecer - mas fundamentalmente, no saber ser integralmente.

“...Viver é afinar o instrumento
De dentro prá fora, de fora prá dentro
A toda hora, a todo o momento
De dentro prá fora, De fora prá dentro...”
Walter Franco (1991)⁵

Bibliografia

ALMEIDA, A. R. S. (1999). *A concepção walloniana de afetividade: uma análise*

a partir da teoria do desenvolvimento e das emoções. s.n. Tese (Doutorado em Psicologia da Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUCSP, São Paulo.

BISQUERRA, R. A. (2000). *Educación Emocional y Bienestar*. Barcelona: Editorial

Praxis.

BYINGTON, C. A. B. (1996). *Pedagogia Simbólica: a construção amorosa do*

conhecimento do ser. Rio de Janeiro: Record, Rosa dos Tempos.

DAMÁSIO, A. (2000). *O Mistério da Consciência: do corpo e das emoções ao*

conhecimento de Si. São Paulo: Companhia das Letras.

ESPIRITO SANTO, R. C. (1996). *Pedagogia da Transgressão*.

⁵ Trecho extraído da música *Serra do Luar*, de autoria de Walter Franco, gravada por Leila Pinheiro.

- Campinas/SP: Papyrus
(Coleção Práxis).
- FREIRE, P. (1987). *Pedagogia do oprimido* – 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- _____ (1996). *Pedagogia da autonomia*.- 1ª ed. São Paulo: Editora Paz e Terra
(Coleção Leitura).
- GOLEMAN, D. (1995). *Inteligência Emocional: A Teoria Revolucionária que redefine o que é ser Inteligente*. Trad. Marcos Santarrita. 12ª ed. Rio de Janeiro: Ed.Objetiva.
- GONZÁLES, J.E.M. (1993). *Emoção como fundamento das interações humanas: um estudo a partir das obras de Humberto Maturana*. s.n. Dissertação (Mestrado em Psicologia da Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/PUCSP, São Paulo.
- GUSDORF, G. (1970). **A Fala**. Lisboa/PT: Coleção Humanitas - ISCSPU.
- MATURANA, H. (2001). *Cognição, Ciência e Vida Cotidiana*. Belo Horizonte/MG: Ed. UFMG.
- _____ (1999). *Transformación em la convivencia*. Santiago del Chile: Dolmen ediciones.
- _____ (1997). *A ontologia da realidade*. Belo Horizonte/MG: Ed. UFMG.
- _____ (1998). *Emoções e Linguagem na educação e na política*. Belo Horizonte/MG: Ed. UFMG.
- MATURANA, H. e BLOCH, S. (1996). *Biología Del Emocionar y Alba Emoting: respiración y emoción*. Chile: Dolmen Ensayo.
- NÓVOA, A. (org.). (1992) *.Os professores e a sua Formação*. Portugal: Publicações Dom

Quixote.

TENENBAUM, D. *A Linguagem Corporal*.

<http://www.decio.tenenbaum.com/psicologiamedica/textos/> -

Consultado em nov/2001.

VALENTE, J. A. [2001]. *Criando ambientes de aprendizagem via rede telemática:*

Experiências na formação de professores para o uso da informática na educação”.

<

http://www.uvb.br/br/atualidades/artigos/jose_valente/valente_introducao.htm>

Consultado em janeiro/2002